A literatura gótica vitoriana como resistência simbólica: repressão e homoerotismo em O Retrato de Dorian Gray

Autor:[1] Laís Pereira Leite

Orientador:[2] Profa. Dra. Daniela Vendramini-Zanella

RESUMO

Este artigo propõe analisar como a literatura gótica vitoriana, especialmente a obra O Retrato de Dorian Gray (1890), de Oscar Wilde, funciona como espaço simbólico de resistência frente à repressão social e sexual da época. O estudo parte da hipótese de que o gótico oferece uma linguagem metafórica para a expressão de desejos homoeróticos reprimidos, utilizando elementos como a duplicidade, o pecado e o monstruoso como representações simbólicas do conflito entre desejo e moralidade. A análise busca compreender de que maneira Wilde, perseguido moral e judicialmente em razão de sua sexualidade, articulou na obra um discurso literário de contestação e transgressão, transformando a estética em um campo político e afetivo. O trabalho desenvolve-se por meio de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, aliada à análise textual do romance. Espera-se demonstrar que o gótico, mais do que um gênero literário, constitui um espaço de resistência simbólica que permite refletir sobre as formas de repressão, marginalização e invisibilidade das identidades LGBTQIA+ na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Oscar Wilde; literatura gótica; homoerotismo; repressão social; resistência cultural.

[1] Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil, laisinhapereiraleite@gmail.com.

[2] Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil. E-mail: daniela.zanela@prof.uniso.br Lattes: http://lattes.cnpq.br/5438619103724658

Victorian Gothic Literature as Symbolic Resistance: Repression and Homoeroticism in The Picture of Dorian Gray

ABSTRACT

This article analyzes Victorian Gothic literature, with particular emphasis on Oscar Wilde's novel The Picture of Dorian Gray (1890), as a symbolic space of resistance to the social and sexual repression characteristic of the period. It is based on the hypothesis that the Gothic constitutes a metaphorical language through which socially repressed homoerotic desires can be expressed. Elements such as duality, sin, secrecy, and monstrosity are examined as symbolic representations of the conflict between desire, identity, and morality. The study seeks to understand how Wilde, subjected to moral and legal persecution because of his sexuality, articulated in the novel a discourse that challenged Victorian norms, transforming aesthetic experience into a political and affective field of transgression. The research adopts a qualitative and bibliographic approach, combined with a textual analysis of the novel. It is expected to demonstrate that the Gothic, beyond its configuration as a literary genre, operates as a space of symbolic resistance and creates conditions for reflection on processes of repression, marginalization, and the invisibilization of LGBTQIA+ identities, both in the Victorian context and in contemporary society.

Keywords: Oscar Wilde; Gothic literature; homoeroticism; social repression; symbolic resistance.

INTRODUÇÃO

A literatura gótica, desde o final do século XVIII, consolidou-se como um campo estético voltado à exploração de temas como o medo, o desejo e o interdito, articulando elementos simbólicos que tensionam as normas sociais e morais. Segundo Fred Botting (1996), o gótico caracteriza-se justamente por operar nas margens da cultura, trazendo à superfície aquilo que é reprimido, oculto ou considerado transgressor. Ao longo do século XIX, especialmente no contexto vitoriano, esse gênero intensifica sua função simbólica ao representar conflitos relacionados à moralidade, à sexualidade e à identidade.

Nesse cenário, O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, destaca-se como uma das obras mais emblemáticas do gótico moderno, ao articular estética, desejo e decadência moral em uma narrativa marcada pela ambiguidade. Para Eve Kosofsky Sedgwick (1985), a literatura do século XIX frequentemente constrói formas indiretas de expressão do desejo homoerótico, recorrendo a estratégias de codificação e deslocamento simbólico em contextos de forte repressão social. Nesse sentido, o romance de Wilde pode ser

compreendido como um espaço em que tais tensões se manifestam por meio da linguagem estética e das relações entre os personagens.

A construção das personagens e de suas interações evidencia relações marcadas por desejo, controle social e ambiguidade moral. Conforme argumenta Michel Foucault (1976), a sexualidade não é apenas reprimida, mas produzida e regulada por discursos que delimitam o que pode ou não ser dito. A relação entre Dorian Gray e Basil Hallward, marcada por admiração intensa e idealização, pode ser interpretada como manifestação de homoerotismo velado, na qual o desejo é deslocado para o campo da arte e da estética.

Diante disso, este estudo busca responder à seguinte questão: de que maneira o gótico opera como linguagem simbólica para a representação de desejos reprimidos em O Retrato de Dorian Gray? Para tanto, investiga-se como Wilde constrói, na obra, um discurso que articula transgressão, ambiguidade e resistência simbólica. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada em autores da crítica literária, dos estudos de gênero e da história da sexualidade, com o objetivo de compreender como o texto literário tensiona normas sociais e produz significados que ultrapassam seu contexto histórico.

Além de sua relevância histórica e literária, a análise da obra permite refletir sobre a permanência de estruturas de exclusão na contemporaneidade. Conforme analisa Robert Mighall (1999), as tensões homoeróticas no romance gótico funcionam como um "anacronismo moral", onde desejos marginalizados são projetados como o elemento perturbador da norma. Sob essa ótica, o estudo contribui para compreender como a literatura gótica opera como espaço de representação de desejos e subjetividades marginalizadas, especialmente em contextos de repressão social e moral.

1. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, voltada à análise literária. O estudo tem como foco a interpretação crítica de textos literários, buscando compreender a construção de sentidos por meio da linguagem, das relações entre personagens e dos elementos simbólicos presentes na narrativa. O *corpus* da pesquisa é delimitado ao romance *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, a partir do qual foram selecionados excertos significativos para análise. A escolha do *corpus* justifica-se pela centralidade da obra na discussão proposta, permitindo um recorte mais preciso e aprofundado.

O procedimento de análise consiste na seleção de trechos relevantes do romance, especialmente cenas e diálogos que evidenciam relações entre os personagens e aspectos simbólicos da narrativa. Esses excertos foram analisados a partir da perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, fundamentada nos estudos de Mikhail Bakhtin e desenvolvida no contexto brasileiro por Beth Brait (2005). Nessa abordagem, a linguagem é compreendida como um espaço de interação social, no qual os sentidos não são fixos, mas construídos nas relações entre os sujeitos, seus discursos e o contexto em que se inserem. De acordo com essa perspectiva, todo enunciado se constitui de forma relacional, sendo atravessado por múltiplas vozes e por valores sociais e ideológicos. A análise dos diálogos e das interações entre os personagens não se limita ao conteúdo explícito das falas, mas considera também as posições assumidas pelos sujeitos, as relações de poder estabelecidas e os efeitos de sentido produzidos no contexto da narrativa.

Serão observados elementos como dialogismo, relações de poder, construção discursiva e posições enunciativas dos personagens, considerando como os enunciados de figuras como Dorian Gray, Basil Hallward e Lord Henry se constituem em resposta, influência ou confronto com outros discursos presentes na obra. A análise será orientada por categorias específicas de leitura, a saber: repressão, homoerotismo velado, ambiguidade, transgressão e resistência simbólica. Essas categorias permitem compreender de que maneira a obra constrói, de forma indireta e simbólica, representações de desejos não normativos em um contexto de forte regulação social e moral.

2. Gótico vitoriano, repressão e homoerotismo: fundamentos teóricos

2.1 O gótico como linguagem do reprimido

A literatura gótica consolidou-se como um espaço voltado à representação do medo, do excesso e da transgressão, frequentemente associado à manifestação daquilo que é socialmente reprimido. Segundo Fred Botting (1996), o gótico opera nas margens da cultura, trazendo à superfície desejos, conflitos e tensões que a sociedade busca ocultar. Elementos como decadência moral, monstruosidade e duplicidade tornam-se recursos simbólicos utilizados para representar conflitos relacionados à identidade, à sexualidade e às normas sociais.

Robert Mighall (1999) destaca que o gótico vitoriano frequentemente projeta ansiedades sociais e morais em figuras consideradas desviantes ou ameaçadoras, transformando o "outro" em símbolo de instabilidade cultural. Nesse sentido, o gênero passa a funcionar como um espaço de representação das tensões produzidas pela própria sociedade vitoriana, especialmente aquelas ligadas à moralidade, ao desejo e à repressão.

Em O Retrato de Dorian Gray, esses elementos manifestam-se especialmente na figura do retrato e na dissociação entre aparência e corrupção moral, permitindo compreender o gótico como uma linguagem simbólica capaz de representar desejos e conflitos que não podem ser expressos diretamente no contexto vitoriano.

2.2 Sexualidade, discurso e repressão

A sexualidade, especialmente no contexto do século XIX, esteve diretamente associada a mecanismos sociais de controle e repressão moral. Conforme discute Michel Foucault (1976), a sexualidade não deve ser compreendida apenas como algo proibido ou silenciado, mas como um campo constantemente regulado por discursos sociais, religiosos e institucionais que determinam aquilo que pode ou não ser expresso. Nesse contexto, desejos considerados desviantes em relação às normas sociais passam a ser ocultados, deslocados ou reformulados de maneiras indiretas.

Na sociedade vitoriana, marcada por forte moralismo e rígidos padrões de comportamento, a expressão explícita do desejo homoerótico encontrava severas limitações sociais e legais. Dessa forma, a literatura torna-se um espaço simbólico no qual tais desejos podem manifestar-se de maneira codificada, frequentemente associados à ambiguidade, à estética e ao interdito. Em O Retrato de Dorian Gray, essa dinâmica evidencia-se na forma como o desejo é deslocado para a contemplação artística, para a idealização da beleza e para relações marcadas pela ambiguidade afetiva, permitindo que

conflitos ligados à identidade e à repressão sejam representados de maneira indireta na narrativa.

3.3 Homoerotismo e desejo homossocial masculino

As relações entre sujeitos masculinos na literatura do século XIX frequentemente se constroem por meio de formas indiretas de afeto, admiração e idealização. Eve Kosofsky Sedgwick (1985), ao discutir o conceito de "male homosocial desire", argumenta que os vínculos entre homens em sociedades patriarcais podem carregar tensões afetivas e eróticas que não se expressam de maneira explícita, especialmente em contextos marcados pela repressão da homossexualidade. Dessa forma, o desejo homoerótico tende a manifestar-se de maneira codificada, deslocando-se para relações de admiração intelectual, estética ou emocional.

Nesse contexto, Sedgwick observa que a literatura do século XIX frequentemente utiliza estratégias de ambiguidade e mediação simbólica para representar desejos socialmente interditos. Em O Retrato de Dorian Gray, essa dinâmica evidencia-se na relação entre Basil Hallward e Dorian Gray, marcada pela intensa idealização da beleza, pela contemplação estética e pela dificuldade de explicitação direta dos afetos. O romance constrói um espaço em que o desejo homoerótico permanece simultaneamente presente e reprimido, manifestando-se por meio da arte, da admiração e da subjetividade dos personagens.

4.4 Dialogismo e construção discursiva das personagens

A perspectiva dialógica proposta por Mikhail Bakhtin compreende a linguagem como um fenômeno essencialmente social e relacional, no qual todo enunciado se constrói em resposta a outros discursos. Para Bakhtin, os sentidos não são fixos ou individuais, mas produzidos nas relações entre diferentes vozes sociais, ideológicas e culturais que atravessam o discurso. Nesse sentido, as personagens literárias não se constituem de maneira isolada, mas por meio do confronto, da influência e da interação entre diferentes perspectivas presentes na narrativa.

No contexto brasileiro, Beth Brait (2005) desenvolve essas discussões ao aplicar os estudos bakhtinianos à análise do discurso, compreendendo o texto literário como espaço de múltiplas vozes e relações de sentido. A partir dessa perspectiva, a construção das personagens em O Retrato de Dorian Gray pode ser analisada não apenas pelo conteúdo de suas falas, mas pelas posições discursivas que ocupam e pelas relações de poder estabelecidas nos diálogos. Personagens como Basil Hallward, Lord Henry e Dorian Gray constituem-se discursivamente a partir das tensões entre idealização, repressão, influência e transgressão, produzindo sentidos que se transformam ao longo da narrativa.

3. Análise de O Retrato de Dorian Gray

3.1 A arte como expressão do desejo: Basil Hallward

Logo no início da narrativa, observa-se um diálogo entre Basil Hallward e Lord Henry, no qual o artista relata como conheceu Dorian Gray e explica as razões que o levaram a pintá-lo. Ao discutir sua relação com a obra, Basil afirma:

> Every portrait that is painted with feeling is a portrait of the artist, not of the sitter. The sitter is merely the accident, the occasion. It is not he who is revealed by the painter; it is rather the painter who, on the colored canvas, reveals himself. The reason I will not exhibit this picture is that I am afraid that I have shown with it the secret of my own soul. (Wilde, 1890).

Nesse trecho, observa-se que Basil reconhece no retrato não uma representação fiel de Dorian Gray, mas um reflexo de sua própria percepção e idealização do personagem. O artista atribui à obra um caráter profundamente subjetivo, no qual sua própria visão e sensibilidade se sobrepõem à figura retratada. Ao afirmar que o quadro revela o "secret of my own soul", Basil demonstra compreender a pintura como uma extensão de si mesmo, e não apenas como a reprodução da imagem de Dorian. Dessa forma, o retrato adquire um valor íntimo, sendo compreendido como algo que pertence ao artista tanto quanto ao modelo, uma vez que expressa a maneira como ele percebe e interpreta Dorian.

Nesse sentido, a relação entre Basil e o retrato pode ser compreendida como uma forma de expressão indireta de um afeto que não pode ser explicitado no contexto social da época, aproximando-se do que Eve Kosofsky Sedgwick (1985) compreende como formas socialmente codificadas de expressão do desejo homoerótico. A idealização de Dorian e sua transposição para a obra de arte evidenciam um processo de deslocamento simbólico do desejo, que encontra no campo estético uma possibilidade de manifestação indireta. O retrato configura-se como um espaço de ambiguidade, no qual desejo e repressão coexistem, funcionando como uma forma de resistência simbólica às normas sociais que regulam a expressão desses afetos.

Em contraposição à visão idealizada de Basil Hallward, Lord Henry descreve Dorian Gray a partir de uma perspectiva centrada exclusivamente na beleza e na contemplação estética:

> Why, my dear Basil, he is a Narcissus [...] But beauty, real beauty, ends where an intellectual expression begins. (Wilde, 1890).

A partir das contribuições de Beth Brait (2005), é possível compreender como as vozes de Basil Hallward e Lord Henry contribuem para a construção da visão do leitor sobre Dorian Gray. Basil organiza seu discurso a partir da idealização, projetando no personagem valores como beleza, pureza e juventude, elevando-o a uma imagem quase perfeita.

Em contraposição, Henry introduz uma visão que enfatiza a fragilidade e a transitoriedade desses atributos, percebendo Dorian como um objeto de contemplação cuja beleza está inevitavelmente sujeita ao tempo. A interação entre essas duas vozes não apenas apresenta visões distintas, mas constrói, de forma dialógica, a própria identidade do personagem. Desse modo, Dorian se constitui desde o início da narrativa como

resultado dessa tensão entre idealização e decadência, o que antecipa os conflitos que se desenvolvem ao longo da obra.

3.2 O discurso da transgressão: Lord Henry

Após conhecer Dorian Gray, Lord Henry passa a exercer influência sobre o jovem, mesmo diante da desaprovação de Basil Hallward. Em um dos momentos iniciais de interação entre os personagens, Henry expõe sua visão de mundo ao afirmar:

> Every impulse that we strive to strangle broods in the mind, and poisons us. The only way to get rid of a temptation is to yield to it. Resist it, and your soul grows sick with longing for the things it has forbidden to itself… (Wilde, 1890).

Henry é um personagem cuja personalidade se evidencia em seus diálogos, marcados por afirmações categóricas e provocativas. Nesse trecho, observa-se a valorização dos impulsos e desejos individuais em detrimento das normas sociais e morais. Ao afirmar que reprimir os impulsos os torna prejudiciais e que a única forma de lidar com a tentação é ceder a ela, Henry constrói um discurso que questiona diretamente a ideia de autocontrole.

No contexto do romance, o uso de termos como “poisons” e “sick” associa a repressão ao sofrimento psíquico e à deterioração do sujeito. Sob essa ótica, a repressão vitoriana é apresentada não apenas como uma norma social, mas como um mecanismo que fragmenta a identidade do indivíduo, transformando o desejo silenciado em uma força corrosiva. Tal dinâmica aproxima-se das reflexões desenvolvidas por Sigmund Freud em “O Mal-Estar na Civilização”, obra na qual o autor discute como a renúncia instintual exigida pela cultura produz um estado permanente de mal-estar.

O discurso de Henry apresenta um tom persuasivo e provocativo, estruturado por afirmações categóricas que questionam diretamente os valores morais da sociedade vitoriana. Ao defender a satisfação dos impulsos individuais e associar a repressão ao sofrimento psíquico, o personagem constrói um enunciado que busca legitimar desejos tradicionalmente contidos pelas normas sociais. Nesse contexto, a relação entre Henry e Dorian evidencia uma dinâmica de influência discursiva, na qual as falas de Henry produzem forte impacto sobre o jovem, perceptível em sua dificuldade de responder e em sua reação emocional diante do diálogo. Sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, os sentidos produzidos nessa interação não se limitam às falas isoladas dos personagens, mas emergem do confronto entre diferentes posições ideológicas presentes na narrativa, conforme discutido por Beth Brait (2005) a partir dos estudos de Bakhtin.

Essa tensão discursiva também pode ser relacionada às reflexões de Michel Foucault (1976) sobre os mecanismos sociais de controle da sexualidade. Embora Henry aparente defender uma liberdade individual baseada no prazer, na beleza e no hedonismo, o romance não rompe completamente com as limitações impostas ao desejo no contexto vitoriano. O homoerotismo permanece deslocado para um campo indireto e ambíguo, manifestando-se por meio da contemplação estética, da admiração e da idealização. Dessa forma, a obra evidencia que, mesmo em discursos aparentemente transgressores, persistem estruturas sociais que condicionam aquilo que pode ou não ser explicitamente expresso.

3.3 Amor, arte e objetificação: Sibyl Vane

Em um momento intermediário da narrativa, Dorian Gray envolve-se com Sibyl Vane, uma jovem atriz de um teatro modesto. Inicialmente, a relação é marcada por idealização, na qual Dorian associa a figura da jovem às personagens que ela interpreta no palco. No entanto, quando Sibyl demonstra disposição em abandonar o teatro em nome do relacionamento, ocorre uma ruptura nessa dinâmica. Diante disso, Dorian reage de forma fria, evidenciando a fragilidade de seus sentimentos:

> How little you can know of love, if you say it mars your art! What are you without your art? Nothing. (Wilde, 1890).

Ao afirmar "How little can you know of love", Dorian constrói uma fala que estabelece uma posição de superioridade em relação à jovem, ao questionar seu entendimento sobre o amor. A formulação da pergunta sugere que o personagem se coloca como detentor de um conhecimento que Sibyl não possui, configurando uma dinâmica em que sua perspectiva é apresentada como mais válida. Dessa forma, o enunciado contribui para a construção de uma relação assimétrica entre os personagens, na qual a fala de Dorian assume um caráter dominante.

Em seguida, ao completar "if you say it mars your art!", Dorian dá continuidade à estrutura de sua fala, retomando uma ideia previamente apresentada por ele próprio. Observa-se, desse modo, a construção de um discurso no qual o personagem formula as questões e simultaneamente controla os sentidos produzidos por elas, mantendo o domínio do enunciado e estabelecendo uma relação discursiva assimétrica. Sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, desenvolvida por Beth Brait (2005), os sentidos produzidos nas interações entre os sujeitos estão diretamente relacionados às posições assumidas pelos interlocutores e às relações de poder estabelecidas no enunciado. Nesse contexto, o discurso de Dorian evidencia uma tentativa de controle da fala e da própria identidade de Sibyl.

Nesse momento, observa-se a forma categórica com que Dorian se dirige à jovem ao questionar seu valor para além da atuação: "What are you without your art? Nothing." O uso do termo "nothing" reforça a redução da identidade de Sibyl à sua função artística, negando-lhe qualquer existência significativa fora desse âmbito.

Dessa forma, a fala de Dorian evidencia não apenas uma relação de poder, mas também um processo de objetificação que se vincula à lógica de repressão e ambiguidade afetiva presente na obra. Ao reduzir Sibyl à sua função artística, Dorian demonstra a incapacidade de estabelecer um vínculo afetivo genuíno, revelando uma relação mediada por idealizações e pela negação de sentimentos que escapam ao controle estético. Nesse sentido, a cena aproxima-se das discussões de Eve Kosofsky Sedgwick (1985), ao evidenciar formas de deslocamento afetivo em que os vínculos interpessoais são mediados por construções simbólicas e idealizações, em vez de relações afetivas diretas. A interação entre Dorian e Sibyl expõe uma forma de transgressão marcada pela superficialidade e pela negação do outro como sujeito pleno.

A repressão do desejo homoerótico na obra articula-se também a uma desvalorização das figuras femininas, frequentemente reduzidas a funções simbólicas dentro das relações entre os personagens masculinos. Ao longo da narrativa, estabelece-se um núcleo central composto por Dorian Gray, Lord Henry e Basil Hallward, enquanto Sibyl Vane ocupa uma posição periférica, sendo constantemente mediada pelas perspectivas masculinas. Para Dorian, a jovem é inicialmente valorizada enquanto representação estética e performática, perdendo seu valor afetivo no momento em que abandona a atuação teatral. Para Henry, Sibyl desperta pouco interesse em si mesma, funcionando mais como extensão da experiência vivida por Dorian. Já para Basil, sua presença atua sobretudo como indício das transformações morais do protagonista.

Essa dinâmica aproxima-se do que Eve Kosofsky Sedgwick (1985) define como *male homosocial desire*, estrutura em que as relações centrais de investimento emocional, admiração e tensão se desenvolvem predominantemente entre homens, enquanto as mulheres ocupam posições secundárias ou mediadoras. Nesse contexto, Sibyl Vane não se constitui plenamente como sujeito das relações afetivas, mas como elemento que evidencia os vínculos, disputas e projeções estabelecidos entre as figuras masculinas da narrativa.

3.4 Violência e ruptura: a morte de Basil

Um dos trechos selecionados corresponde ao momento em que, após um longo período sem vê-lo, Basil Hallward confronta Dorian Gray em relação às mudanças em seu comportamento, o que leva Dorian a revelar o retrato há muito escondido na mansão. A cena ocorre em um ambiente fechado, marcado por tensão crescente, no qual Basil assume uma postura moral e questionadora, enquanto Dorian reage de maneira agressiva e descontrolada:

“He rushed at him and dug the knife into the great vein that is behind the ear, crushing the man’s head down on the table and stabbing again and again.” (Wilde, 1890).

Nesse excerto, observa-se a construção de uma cena de intensa violência, marcada por ações rápidas e sucessivas. O uso de verbos como “rushed”, “dug”, “crushing” e “stabbing” contribui para a sensação de dinamismo e brutalidade, enquanto a repetição da ação (“again and again”) reforça o caráter impulsivo e extremo do comportamento de Dorian. A violência descrita rompe com a imagem estética e socialmente controlada que o personagem sustenta ao longo da narrativa, revelando uma dimensão marcada pelo excesso e pela desordem. Nesse sentido, o assassinato de Basil não se configura como um ato racional ou calculado, mas como uma explosão impulsiva que evidencia o colapso da identidade construída por Dorian sob influência dos discursos hedonistas de Lord Henry.

Sob a perspectiva de Sigmund Freud (1930), esse momento pode ser compreendido como uma ruptura das estruturas de contenção impostas pela civilização e pela moralidade social. Em “O Mal-Estar na Civilização”, Freud argumenta que a repressão constante dos impulsos produz tensões psíquicas que podem emergir de maneira destrutiva. A violência de Dorian manifesta não apenas agressividade física, mas também o retorno de desejos, culpas e conflitos reprimidos ao longo da narrativa.

Além disso, conforme Fred Botting (1996), a literatura gótica frequentemente representa o retorno do reprimido por meio de imagens de monstruosidade, excesso e degradação moral. A cena do assassinato rompe com a aparência refinada associada ao

protagonista e revela uma dimensão monstruosa que permanecia oculta sob a estética da juventude e da beleza. Desse modo, a morte de Basil simboliza não apenas a destruição de uma personagem, mas o rompimento definitivo entre a imagem idealizada de Dorian e a violência interior produzida pela repressão e pela corrupção moral.

A ruptura também evidencia o colapso das influências discursivas que constituíam Dorian ao longo da narrativa. Se anteriormente o personagem oscilava entre a idealização de Basil e o discurso hedonista de Lord Henry, nesse momento a narrativa evidencia a impossibilidade de sustentar simultaneamente tais posições. O assassinato de Basil adquire um caráter simbólico, pois elimina justamente a figura responsável por enxergar em Dorian algo para além da aparência estética e da superficialidade social.

A morte de Sibyl Vane é construída de maneira distante e romantizada, aproximando-se da lógica trágica e poética das personagens que Dorian Gray idealizava ao contemplá-la no palco. Já a morte de Basil Hallward assume um caráter visceral, íntimo e corporal, marcado pela violência explícita e pelo excesso. Diferentemente de Sibyl, Basil é a única personagem a conhecer aquilo que Dorian manteve oculto durante toda a narrativa. Ao revelar o retrato, Dorian expõe não apenas a materialização de sua corrupção, mas uma dimensão de si mesmo que jamais poderia existir publicamente. A morte ocorre justamente diante desse "verdadeiro" Dorian, transformando a cena em um momento de intimidade extrema e ruptura definitiva.

A violência do assassinato não representa apenas a destruição de Basil, mas também a tentativa desesperada de eliminar a única personagem que teve acesso completo àquilo que permanecia reprimido sob a aparência estética e socialmente aceitável do protagonista.

Desta forma, a relação entre Basil, Henry e Dorian aproxima-se do que Eve Kosofsky Sedgwick (1985) define como male homosocial desire, conceito que descreve vínculos masculinos intensos atravessados por admiração, influência, afeto e tensões homoeróticas frequentemente reprimidas ou deslocadas socialmente. Enquanto as relações heterossexuais no romance tendem a se estruturar de maneira performática e estetizada, os vínculos entre os personagens masculinos concentram os conflitos afetivos, morais e subjetivos mais profundos da narrativa.

4. DISCUSSÃO

A análise dos excertos evidencia que O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, constrói relações marcadas por desejo, repressão e transgressão, elementos que participam diretamente da constituição de Dorian Gray ao longo da narrativa. Os episódios analisados não se configuram como acontecimentos isolados, mas como parte de um mesmo processo simbólico, no qual o protagonista ocupa simultaneamente as posições de sujeito e objeto do desejo, sendo constantemente atravessado pelas projeções, discursos e idealizações dos outros personagens.

No caso de Basil Hallward, observa-se que o desejo não pode ser expresso diretamente, sendo deslocado para o campo da arte. O retrato, nesse sentido, funciona como um espaço de projeção subjetiva, no qual o artista revela não apenas sua percepção de Dorian, mas também aspectos de si mesmo que permanecem reprimidos. A recusa de Basil em expor o retrato reforça esse caráter íntimo e interdito, evidenciando o modo como o desejo é mantido no âmbito do privado, em resposta às limitações impostas pelo

contexto social. Essa lógica é tensionada pelo discurso de Lord Henry, que atua como elemento de ruptura ao questionar diretamente os valores morais e sociais associados à repressão dos impulsos. O discurso de Henry ultrapassa a simples expressão de ideias individuais, atuando diretamente na formação da percepção que Dorian constrói sobre si mesmo e sobre o desejo.

Após a relação estabelecida entre Basil Hallward, Lord Henry e Dorian Gray, a narrativa direciona-se para o envolvimento do protagonista com Sibyl Vane, relação influenciada pelas concepções hedonistas e idealizadas apresentadas por Henry. Nesse contexto, observa-se um processo de objetificação mútua, no qual Sibyl é reduzida por Dorian à sua função artística, enquanto Dorian, por sua vez, é percebido pela jovem como a figura idealizada de um "príncipe encantado". Dessa forma, a relação entre ambos não se constrói a partir do reconhecimento da subjetividade do outro, mas da projeção de fantasias e idealizações estéticas. Tal dinâmica evidencia a incapacidade de Dorian de estabelecer vínculos afetivos genuínos, uma vez que seus relacionamentos permanecem mediados pela contemplação estética e pela artificialidade de papéis socialmente idealizados.

Nesse sentido, a relação entre Dorian e Sibyl configura uma performance afetiva marcada por idealizações heteronormativas que contrastam diretamente com a intensidade emocional presente na relação entre Dorian e Basil. Enquanto o envolvimento com Sibyl é construído de maneira distante, fantasiosa e superficial, a morte de Basil representa a ruptura definitiva dessa rede de repressão e deslocamento simbólico do desejo. A violência física da cena evidencia o colapso das tensões que atravessam a constituição de Dorian, revelando a impossibilidade de sustentar simultaneamente os mecanismos de repressão, idealização e controle moral que estruturam sua identidade ao longo da narrativa. A progressão das relações analisadas demonstra um percurso em que o desejo, inicialmente deslocado para a arte e para a estética, intensifica-se gradualmente até atingir sua expressão mais destrutiva.

Diferentemente de sua reação à morte de Sibyl Vane, marcada por distanciamento emocional e rápida racionalização estética do acontecimento, o assassinato de Basil provoca em Dorian uma ruptura mais profunda de sua compostura. Ao longo da narrativa, o protagonista demonstra dificuldade em estabelecer vínculos afetivos genuínos, relacionando-se com os outros, sobretudo por meio da contemplação estética e da idealização. No entanto, a intensidade emocional presente na cena da morte de Basil evidencia um envolvimento afetivo que ultrapassa a superficialidade observada em suas demais relações, sugerindo que o personagem reage de forma mais violenta justamente diante da figura que mais profundamente acessava sua subjetividade.

A relação entre Dorian Gray e Sibyl Vane também evidencia como a repressão do desejo homoerótico se articula à objetificação feminina ao longo da narrativa. Enquanto Basil Hallward estabelece com Dorian uma relação marcada por admiração, idealização e afeto reprimido, Sibyl é reduzida a uma experiência estética superficial, valorizada apenas enquanto representação artística. Dorian não demonstra interesse pela subjetividade da jovem, mas pela capacidade que ela possui de encarnar personagens e sustentar a fantasia romântica que ele projeta sobre ela. Quando Sibyl abandona a atuação em favor de uma experiência afetiva real, deixa de corresponder à imagem idealizada construída por Dorian e passa a ser percebida como "nada".

Nesse sentido, a obra estabelece um contraste significativo entre Basil e Sibyl. Enquanto Sibyl é descartada no momento em que deixa de representar um ideal artístico, Basil é destruído justamente por acessar aquilo que Dorian mantém oculto de todos os outros personagens: sua corrupção moral, simbolizada pelo retrato. Diferentemente da morte de Sibyl, descrita de maneira distante e romantizada, a morte de Basil é apresentada de forma corporal, violenta e íntima, evidenciando uma ruptura emocional mais profunda. Tal contraste sugere que os vínculos masculinos na narrativa carregam uma intensidade afetiva que excede as relações heterossexuais apresentadas na obra, aproximando-se do que Sedgwick (1985) define como "male homosocial desire", estrutura em que relações entre homens são atravessadas por desejo, admiração e tensão afetiva socialmente reprimidos.

Dessa forma, a obra pode ser compreendida como um espaço simbólico em que repressão, homoerotismo velado, ambiguidade e transgressão se articulam, evidenciando o gótico como uma linguagem capaz de representar aquilo que não pode ser explicitado diretamente. Nesse sentido, conforme aponta Eve Kosofsky Sedgwick, a literatura do século XIX recorre a estratégias de codificação para expressar o desejo homoerótico em contextos de censura. *O Retrato de Dorian Gray* configura-se como uma forma de resistência simbólica, ao transformar o interdito em linguagem estética e narrativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar de que maneira *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, articula, por meio da linguagem literária, a relação entre desejo, repressão e transgressão, compreendendo o gótico como um espaço simbólico de resistência. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na análise dialógica do discurso, foi possível observar como essas categorias se manifestam nas interações entre os personagens e na construção narrativa da obra.

A análise evidenciou que o desejo, ao longo da narrativa, não se apresenta de forma direta, mas é mediado por deslocamentos simbólicos e por relações discursivas complexas. Em Basil Hallward, esse desejo se manifesta de forma indireta, sendo projetado no campo da arte. Já em Lord Henry, observa-se a construção de um discurso que valoriza a transgressão e atua como elemento de influência, contribuindo para a constituição subjetiva de Dorian Gray. Com Sibyl Vane, essa dinâmica revela-se na forma de objetificação e idealizações estéticas que contribuem para a negação do outro como sujeito. Por fim, a morte de Basil representa a ruptura definitiva desse percurso, na qual a violência simboliza o colapso entre desejo, repressão e controle moral. Nesse sentido, conforme discutido por Eve Kosofsky Sedgwick, a literatura do século XIX recorre a estratégias de codificação para expressar o desejo homoerótico, o que reforça a leitura da obra como um espaço de elaboração simbólica desses conflitos.

Por fim, conclui-se que *O Retrato de Dorian Gray* não apenas representa as tensões entre desejo e moralidade no contexto vitoriano, mas também se configura como uma forma de resistência simbólica, ao transformar o interdito em linguagem estética. A obra permanece relevante na contemporaneidade, na medida em que possibilita refletir sobre as formas de repressão, marginalização, censura e invisibilidade que ainda atravessam as experiências de sujeitos dissidentes, evidenciando o papel da literatura como espaço de problematização e construção de sentidos sociais.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FREUD, Sigmund**. *O mal-estar na civilização***. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MIGHALL, Robert. **A Geography of Victorian Gothic Fiction: Mapping History's Nightmares.** Oxford: Oxford University Press, 1999.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire.** New York: Columbia University Press, 1985.